

# O PULSAR DA COR NA ARTE DE ELI HEIL

Eliziane Baggio\*  
Sandra Margarete Abello\*\*

## RESUMO

Esta pesquisa surgiu com o intuito de pesquisar sobre a vida e obra de uma artista catarinense e, principalmente, as cores utilizadas por ela em suas obras. O interesse pelo tema surgiu a partir de observações realizadas em diversas aulas de artes, em diferentes turmas de Ensino Fundamental e Médio, de uma escola da rede estadual da Cidade de Xaxim, SC, com as quais se constatou que a Arte Catarinense não é abordada em sala de aula. A partir disso, investigou-se qual o sentido visual e estético da cor nas obras da artista plástica catarinense Eli Heil. Para proporcionar embasamento à pesquisa, foram elencados alguns pontos temáticos, como a história da Arte em Santa Catarina e os artistas catarinenses da mesma geração de Eli Heil, a vida e obra da artista e o estudo das cores, fundamentado em Guimarães (2000), Pedrosa (1999) e Hallawel (1994). Finalizando a pesquisa teórica, foi realizada uma oficina, na Casa da Cultura de Xaxim, cujo tema foi *O Pulsar da Cor e o Imaginário na Arte de Eli Heil*, trazendo como objetivo a realização de uma pintura contemplando o imaginário e as cores presentes nas obras da artista plástica catarinense Eli Heil. Ao término desta pesquisa, foi possível ter maior compreensão sobre o processo criativo dessa artista, bem como entender de que forma acontece a escolha das cores utilizadas por ela em suas obras.

Palavras-chave: Artista catarinense. Eli Heil. Cor.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi motivada com a finalidade de pesquisar a vida e obra da artista catarinense Eli Heil, bem como as cores utilizadas em suas obras.

Esse tema surgiu a partir de observações realizadas em diversas aulas de artes, em diferentes turmas de Ensino Fundamental e Médio de uma escola da rede estadual da Cidade de Xaxim, Estado de Santa Catarina, com as quais se constatou que a arte catarinense não é abordada no planejamento da professora de Arte. Atualmente, pode-se afirmar que a arte de Santa Catarina nada perde em nada em relação aos outros estados brasileiros; ela também tem uma história, um longo caminho percorrido e faz parte da vida de todos os que vivem nesse Estado.

Diante disso, surgiu o interesse de investigar qual o sentido visual e estético da cor nas obras da artista plástica catarinense Eli Heil. Ressalta-se que esta pesquisa é fonte de um conjunto de situações acadêmicas, envolvendo as disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado em Artes Visuais, Prática Investigativa e Educativa no Ensino das Artes Visuais e Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Artes Visuais, pela Unoesc Xanxerê, no ano de 2013.

Algumas indagações particulares serviram de ponto de partida para o estudo das cores: por que, nas pinturas de Heil, algumas cores parecem se destacar mais que outras? Como se estabelece a definição de cores para essa artista? Há uma preocupação com a composição dessas cores? Como a artista as determina no processo criativo de suas obras?

A questão da cor na pintura está presente na arte há muito tempo, desde a Pré-História, quando o homem desse período se apropriava de elementos da natureza para colorir seus desenhos nas paredes das cavernas. Pedrosa (1999, p. 37) afirma que “[...] o homem inicia a conquista da cor ao iniciar a própria conquista da condição humana.” Pode-se perceber, dessa maneira, o quão presente ela está na vida das pessoas, no seu dia a dia.

Nas obras de arte, as cores têm profundo impacto sobre o observador, as quais o artista pode usar apenas por sua beleza, para criar ou expressar ideias e conceitos, ou, ainda, por seu valor simbólico,<sup>1</sup> visto que em cada região ou cultura as cores adquirem um significado próprio. Assim, as cores podem transmitir valores, regras, códigos ou infor-

\* Graduada em Artes Visuais pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; lizi\_dalacort@hotmail.com

\*\* Doutora pela Universidad do País Vasco- Bilbao; Graduada em Pintura Escultura e Ou Gravura pela Universidade Federal de Pelotas; sandraabello@hotmail.com

mações históricas, tanto positivos como negativos, e suas origens são diversas: religiosa, política, técnica, entre outras (GUIMARÃES, 2000, p. 3).

Desse modo, a escolha do tema do projeto de pesquisa ocorreu a partir do interesse pessoal de pesquisar o universo da cor, indagando o porquê de os artistas utilizarem tais cores.

Eli Heil é uma artista catarinense, autodidata, que se fez perante uma doença que a deixou acamada por cinco anos. Assim que se recuperou da enfermidade, Eli resolveu começar a pintar, e então pode expor todos os seus sentimentos, angústias, anseios. Suas obras são como gritos de desespero, destacando-se pelo uso da cor pura, em grossas camadas, criando sua técnica pessoal de pintar, dando forma a seres imaginários, fora de uma realidade lógica, os seus “monstrinhos doces”, segundo relato da própria artista, doces porque constroem, e não destroem (CORAÇÃO, 2011).

O campo empírico desta pesquisa ocorreu na Casa da Cultura da cidade de Xaxim, SC, sendo os sujeitos da pesquisa os alunos já matriculados nas aulas de Artes que a Casa oferece. Os sujeitos da pesquisa participaram de uma oficina intitulada *O pulsar da cor e o imaginário na arte de Eli Heil*, com o intuito de discorrerem sobre os temas recorrente e as cores utilizadas pela artista, bem como as simbologias e significados que as cores carregam consigo. Durante a oficina, os alunos foram provocados a pensar em um ser imaginário que representasse algum aspecto de sua personalidade, ligado aos seus sentimentos, suas expectativas ou frustrações. A partir da definição do “ser imaginário”, estes foram desenhados em uma tela, na qual os alunos também utilizaram diferentes texturas, como massa corrida pura ou a mistura desta com tinta acrílica, buscando aproximar seu trabalho com as obras da artista Eli Heil, que se utilizava de grossas camadas de tinta.

Ao final da oficina realizou-se uma exposição dos trabalhos no *hall* de entrada da Casa da Cultura. Nesse dia, cada aluno falou sobre seu trabalho e também de todo o processo criativo, desde o início da oficina até o momento da exposição.

De acordo com a História, a arte catarinense tomou novos rumos a partir das décadas de 1940 e 1950, com o Estado envolto na onda moderna que tomava conta das cidades. Nesse período surgiu a criação do Grupo Sul, um movimento vanguardista que atuou em Santa Catarina, composto por um grupo de intelectuais que publicou por 10 anos a revista SUL, editou livros, encenou peças teatrais, promoveu exposições de arte, fundou o primeiro clube de cinema desse Estado, no Sul do Brasil, e foi o pioneiro na sétima arte, realizando o primeiro longa-metragem catarinense, *O Preço da Ilusão*. O principal objetivo do grupo era colocar o Estado em sintonia com o que estava ocorrendo no Brasil e no mundo em termos de produção artística (PEDROSO, 2005, p. 16).

Na década de 1970, percebe-se que novos artistas mostraram diferentes tendências das artes plásticas no Estado. Segundo Pedroso (2005, p. 18), nessa fase, Florianópolis entrou em uma fase mito-fantástica, tendo os artistas Meyer Filho, Eli Heil, Franklin Cascaes, entre outros como representantes, os quais desprendiam um tratamento fantástico aos temas retratados em suas obras. Sobre esse tema, a crítica de arte Adalice Araújo desenvolveu uma pesquisa intitulada *Mito e Magia na Arte Catarinense*, em 1979, o qual se tornou um viés de extrema importância para a arte do Estado, destacando que Florianópolis criou sua identidade artística a partir do olhar desses artistas em relação aos temas de Realismo fantástico nas suas obras (HEIL, 2005, p. 17).

A fim de um maior entendimento acerca da obra plástica da artista Eli Heil, buscou-se conhecer também os artistas que surgiram na mesma época em Santa Catarina. Os artistas citados a seguir fizeram parte do mesmo grupo da artista, e a contribuição deles para a arte de Santa Catarina também é de extrema relevância.

Meyer Filho (1919-1991), desenhista, pintor e tapeceiro, estudou pintura, história da arte e história natural de forma autodidata. Decidiu ser artista em 1946, quando o Academicismo ainda reinava na arte catarinense, e precisou encontrar espaço para o Modernismo. Causou polêmica com algumas de suas obras, principalmente as da fase erótica. A obra de Meyer Filho se insere no universo do fantástico, assimilando a cultura de Santa Catarina com o fantástico e o real ocupando o mesmo espaço, em que a linha comanda a pintura, sempre com cores puras e fortes (HEIL, 2005, p. 48).

Este artista foi um nome importante na dinamização cultural de sua época, realizando, em 1957, a primeira exposição de Pinturas e Desenhos de Motivos Catarinenses, com o também artista plástico Hassis. Meyer Filho também foi o primeiro artista catarinense a realizar uma exposição individual em Santa Catarina, no MAM de Florianópolis, atual MASC, em 1958, e também foi um dos fundadores e presidente do Grupo de Artistas de Florianópolis (GAPF), organizando em 1958-1959 os dois primeiros salões de arte moderna de Santa Catarina fora do Estado (HEIL, 2005).

Já Franklin Cascaes (1908-1983), natural de São José, SC, também teve um trabalho artístico que valorizou o mito e a magia, porém, com um caráter mais antropológico. O artista revelou os mitos da Ilha a partir de uma pesquisa de mais de 30 anos, por meio da qual mergulhou nas raízes da cultura catarinense, buscando informações com moradores das comunidades do interior da Ilha, incluindo aspectos folclóricos, culturais, lendas e superstições. Dessas pesquisas, surgiram personagens profanos e religiosos, bruxas e demônios. Sua obra possui cerca de 900 desenhos e 2.500 esculturas (HEIL, 2005, p. 36).

Muito mais do que fazer arte, Cascaes sentia a necessidade de narrar o passado e a tradição, criando a partir dessas fontes, sem contradições entre propostas de resgate com a criação artística, sendo esta criação artística uma possibilidade de narrar o passado e a tradição. No catálogo produzido pelo SESC Santa Catarina (2006), uma fala do próprio artista mostra um pouco dessa sua necessidade narrativa: “As pessoas contam as histórias meio truncadas, aos pedaços, meio com medo, receosas, cautelosas e de boca pequena. Têm medo de atrair a bruxa. Imagina falar nela? Dessa forma procuro ordenar as histórias, colocando-as por escrito, organizando a narrativa [...]”

Outro nome de relevada importância para a arte do Estado é Martinho de Haro (1907-1985), natural de São Joaquim, SC. O artista já podia ser considerado moderno antes mesmo de o Modernismo ter se consolidado em Santa Catarina. Morou em Paris, onde estudou com grandes mestres do Fauvismo.<sup>2</sup> Após ser expulso da França em decorrência da Segunda Guerra Mundial, o artista retornou a Florianópolis, trazendo com ele todo o conhecimento adquirido no exterior, produzindo telas com paisagens, naturezas mortas, retratos, nus e motivos religiosos, dando um tratamento especial ao uso das cores, usando cores suaves nas paisagens e intensas nas flores (HEIL, 2005, p. 32).

Rodrigo de Haro (1939) também é um artista de renomado prestígio na arte catarinense. Filho de Martinho de Haro, Rodrigo é considerado o artista de mil faces. Utilizando-se de temática fantástica com modelos internacionais, criou uma magia sem igual, celebrada nacionalmente por sua originalidade, profusão de cores, signos e símbolos ambíguos, conquistando o olhar da crítica (HEIL, 2005, p. 18).

O artista catarinense Rodrigo de Haro mostra seu mergulho em direção a uma escrita escondida no inconsciente dos homens. Para isso, utiliza-se de vistosas formas “art nouveau” e de figuras orientais. Uma aproximação que não é estranha à arte ocidental. [...] Rodrigo de Haro é artista de uma linha que se convencionou chamar de fantástica, de escrita quase automática, plena de fantasia e intenções. [...] Como se o artista abrisse as comportas do seu mundo oculto e, sem nenhuma censura, cristalizasse esse mundo em forma e cor. (KLINTOWITZ, 1982, grifo do autor).<sup>3</sup>

Outro artista que merece destaque é Heidy de Assis Corrêa (1926-2001); mais conhecido como Hassis, é natural de Curitiba, Estado do Paraná, mas aos dois anos de idade mudou-se para a Cidade de Florianópolis, SC. Começou a demonstrar sua criatividade desde a infância, quando se empojava com as revistas em quadrinhos, seus movimentos, formas e cores. Contribuiu, nas décadas de 1940 e 1950, com o Grupo Sul e também na Fundação da GAPF. A arte sempre lhe serviu de veículo para contestar, afirmar, negar ou registrar seu tempo e espaço. Em 1965, criou desenhos motivados no folclore ilhéu, em mosaico português, para cinco praças públicas de Florianópolis. Participou de, aproximadamente, 213 coletivas e salões de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul. “Hassis não só produziu pinturas, desenhos e gravuras. A busca apaixonada do homem de cultura, atento à sua época, resultou em um acervo documental vasto e bastante abrangente das artes em Santa Catarina.” (FUNDAÇÃO HASSIS).

Como se pode perceber pelos artistas citados, o Realismo fantástico e a mitologia tiveram forte presença na arte catarinense. Para Sachet (apud LORENZ, 1985, p. 23), essa presença está ligada às raízes folclóricas, religiosas e mito-mágicas presentes no Estado desde a chegada dos açorianos na Ilha de Santa Catarina, e seria uma maneira de definição de homem e espaço catarinense. Outro aspecto que justificaria esse tema nas obras seria o próprio isolamento do Estado durante períodos importantes da história, que teria contribuído de forma crucial para que este conservasse, durante longo tempo, identidade própria, sem a contaminação de ideias globais.

A exemplo do que ocorreu também em outros estados brasileiros, a arte em Santa Catarina teve seus altos e baixos, em que os artistas experimentaram ciclos e momentos que foram da estagnação à efervescência, não sendo possível manter um fluxo contínuo. Isso ocorreu, principalmente, em razão de uma dependência de aportes e influxos externos, ocasionando, dessa maneira, um descompasso da arte de Santa Catarina em relação ao Brasil e ao mundo (PEDROSO, 2005, p. 16).

Hoje, o panorama da arte no Estado é diferente. A produção artística não fica mais concentrada somente nele, mas se desloca para outros estados brasileiros, e os artistas catarinenses também podem dar sua parcela de contribuição para que a arte catarinense se expanda para outros estados e/ou países, pois se conta com artistas que nada perdem em relação aos de outros estados brasileiros.

Andrade Filho (2005, p. 11) afirma que a “[...] arte do estado de Santa Catarina já não pode ser mais ignorada, deixada de lado, pois conta com artistas renomados nacional e internacionalmente.” Dessa maneira, ela deve estar inserida no dia a dia como um tema de relevada importância para todos os que nasceram ou escolheram esse Estado para morar, visto que conhecer a história do contexto em que se está inserido é fundamental na vida de todos.

## 2 DESVENDANDO O “MUNDO” DE ELI HEIL

A artista Eli Malvina Diniz Heil nasceu em 1929, na Cidade de Palhoça, SC. Viveu sua infância e juventude no Município vizinho, Santo Amaro da Imperatriz, tornando-se professora de Educação Física. Em 02 de fevereiro de 1952 casou-se com José Urbano Heil e mudou-se para a Cidade de Florianópolis, SC. Levava uma vida pacata quando, de repente, a arte cruzou seu caminho, estando de certa forma ligada à maternidade. Em 1954, após dar a luz ao segundo filho, Eli Heil começou a sentir falta de ar, sendo diagnosticada com bronquite asmática, a qual a deixou doente por oito anos, dos quais cinco passou acamada (KLOCK; SCHULTZ, 2011, p. 13-14).

Nesses cinco anos, nasceu sua terceira filha, em 1959. Além da chegada da filha, mais alguma coisa acontecia com Eli. A arte estava nascendo, brotando dentro dela. De acordo com a própria artista em seu livro *Óvulos de Eli: a expulsão dos seres de Eli Heil* (2011),

O ovo começou a borbulhar. O ovo começou a ferver. O ovo começou a pular. Parti para uma gravidez mental. O ovo já começou a ferver, a crescer, a borbulhar, a se escandalizar. [...] o ovo já estava bicudo. Houve ali outra explosão: a do meu cérebro com a explosão do meu ovário: PLUF, PLUF, PLUF, já nasci, já nasci, já nasci. OVO, ÓVULOS, OVÁRIO. (KLOCK; SCHULTZ, 2011, p. 14).

Em 1962, já recuperada da doença, seu irmão e parceiro, Rubens Diniz, presenteou-a com um quadro de um artista plástico catarinense, Jair Platt. Este foi o primeiro quadro que viu em toda sua vida, e no mesmo instante Eli disse: “Isso eu também faço”. Questionou seu irmão sobre o que o artista utilizou para pintar o quadro, e quando ele respondeu que havia usado pincéis, Eli decidiu que teria que inventar outra maneira de pintar, pois pincéis já eram usados. Criou então sua técnica pessoal de pintar. Suas obras são definidas pela própria artista como “[...] a expulsão de seres contidos, doloridos, em grande quantidade, num parto colorido”, atribuindo forma plástica e involuntária aos seus impulsos do inconsciente. A artista é movida pela intuição e impulsionada por um transe; de certa forma, tudo o que faz, ela considera como se fosse um parto, algo saído de seu ventre, e cuida como se fosse um de seus filhos (CORACÃO, 2011).

Aos poucos, a ex-professora de Educação Física já estava participando de exposições dentro e fora do País e sendo visitada por críticos de arte. A artista ressalta que “[...] por meio de momentos, pensamentos e depoimentos poéticos, coloco-me diante do espelho que reflete em cada olho, em cada pensamento, a história reduzida de minha vida pessoal e a história mais completa de minha vida artística.” E, assim, surgiu a artista Eli Heil, cujo trabalho foi definido como arte incomum, uma arte que surgiu da dor e que não se classifica em nenhum movimento artístico (MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA, 2003).

Sua arte pode ser entendida como bruta, ou seja, uma arte que apresenta um caráter espontâneo e inventivo, concebido e executado em um campo fora do alcance e influência de escolas, galerias ou museus. Os temas e as técnicas não apresentam relação com tendências de moda, mas emergem de invenções pessoais, extraídas de seu próprio ser.

A artista considera como sua primeira obra um desenho que fez de uma galinha e um ovo bem grande, com os dizeres: “A rainha do galinheiro pôs um ovo gigante, vou fazer uma boa fritada”. Dois símbolos, a galinha e o ovo, que se fazem muito presentes em suas obras, e continua “fritando os ovos” até hoje (CORACÃO, 2011).

Em seu mundo imaginário, Eli Heil não tem limites. Seu processo criador é determinado pela liberdade, criando seu próprio estilo, sua simbologia pessoal com total irreverência. Suas criações são como seus filhos, saídas de uma “[...] explosão do cérebro com seu ovário.” Não são feitas para agradar a um público, mas, sim, como expulsão de seres contidos dentro dela. Eli é pintora, desenhista, escultora e ceramista autodidata (CORACÃO, 2003).

A criatividade, para Ostrower (1987), é intrínseca ao ser humano e, ainda, criar é formar, ordenar ações simbólicas, que correspondem ao ato criativo.

Compreendemos, na criação, que a ulterior finalidade de nosso fazer seja ampliar em nós a experiência de vitalidade. Criar não representa um relaxamento ou esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos nós a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário no criar, o sentimento de um crescimento interior, em que nos ampliamos em nossa abertura para a vida. (OSTROWER, 1987, p. 28).

Suas obras chamam atenção pela variedade de formas e métodos utilizados pela artista. As cores e formas são explosivas, dando corpo a personagens aparentemente fora de uma realidade lógica (Imagem 1), como se observa nas próprias palavras da artista no documentário *Coração de Eli* (2011), “Arte é uma alucinação constante. [...] A cor revela tudo.” Ao se observarem suas obras, percebe-se que a marca registrada de Eli está na intensidade do uso de cores vivas, não naturalistas, mesclando tons e texturas e proporcionando uma perfeita harmonia entre as cores em grossas camadas de tinta.

Imagem 1 – Manchas Viventes – ponto X- n. 208



Fonte: Museu de Arte de Santa Catarina (2015).

Fotografia 1 – Deus, o Anjo do Espaço



Fonte: Museu de Arte de Santa Catarina (2015).

Alguns símbolos estão presentes com mais frequência nas obras da artista, como o ovo, o pássaro e o coração. O ovo representa o germe, o símbolo de nascimento; o pássaro é o seu “Anjo Paz”, que apareceu em sonhos para a artista, “germinando” os rumos de toda sua criação artística; e o coração é o da própria artista, que ela entregou para o pássaro (KLOCK, SCHULTZ, 2011, p. 16).

Uma obra em especial resume esses três símbolos: uma escultura de mais de quatro metros de altura, feita com concreto armado, mostrando um pássaro pousado sobre um ovo gigante, com um coração pendurado à boca. Essa escultura é considerada a escultura-símbolo de Eli Heil e está “pousada” no jardim do Museu *O Mundo Ovo* (Fotografia 1).

Suas inspirações aparecem sem planejar, como ela própria diz, “ela vomita”, põe para fora o que está sentindo, e isso se transforma em muitas obras. “A tensão psíquica é vista às vezes como conflito emocional. [...] qualquer processo criativo, produtivo, teria que supor um estado de tensão psíquica, uma vez que não há crescimento sem conflito – o conflito é condição de crescimento.” (OSTROWER, 1987, p. 28).

Eli Heil tem um apego enorme por suas obras. Passou mais de 20 anos sem vender nenhuma peça. Seu propósito maior sempre foi garantir a socialização para sua obra, estando ciente de que não se vendem obras de arte no supermercado. Dessa maneira, reduziu ao mínimo as vendas, e quando as fez, sempre foram diretamente ao colecionador. Foi obrigada a subir os preços, com o intuito de preservação do maior número de peças para o acervo, bem como em obter o que a artista considera corresponder ao valor simbólico de sua obra artística (ANDRADE FILHO, 2012, p. 36).

Com o tempo, o espaço para armazenar as inúmeras obras ficou cada vez menor, e foi então que a artista resolver fazer 18 painéis para comercialização. Com o valor da venda, Eli conseguiu comprar um terreno e construir um museu. O museu, na verdade, um misto de casa, ateliê e museu, intitulado *O Mundo Ovo de Eli Heil*, fundado em 1987, foi o sonho de toda a vida da artista, investimento pelo qual lutou com todas as forças que conseguiu reunir (ANDRADE FILHO, 2012, p. 36).

O museu está situado em Santo Antônio de Lisboa, na Rodovia SC-401, em Florianópolis, e abriga mais de dois mil trabalhos da artista. O acervo possui obras de todas as fases e técnicas desenvolvidas pela artista. Também estão arquivados livros, catálogos, impressos e documentos associados à artista (KLOCH; SCHULTZ, 2011, p. 46).

Atualmente, segundo Andrade Filho (2012, p. 64), Eli Heil tem se dedicado à pintura de “[...] painéis gigantescos com rolos de tecido, que atingem 30, 60 metros de comprimento, com complexo senso da cor”, e que devem “[...] ser lidos como um rolo de papiro.”

Segundo o filho da artista, José Pedro Heil,<sup>4</sup> os painéis citados por Andrade Filho, foram realizados há cinco anos, e estão enrolados em razão do seu comprimento, que varia de 5 a 65 metros, sendo este o maior, 1,20 metros de largura. Infelizmente, em razão da extensão desses painéis, a artista ainda não os viu abertos completamente. No ateliê dela, isso é impossível, pelo espaço que eles requerem. Eli foi fazendo-os e, após a secagem, enrolando-os, simplesmente.

Nos últimos anos, a artista Eli Heil “[...] se dedica à produção de pequenos quadros, e à restauração das obras expostas no museu e fora dele. O tempo é implacável! Mas continua recebendo todos os visitantes com o mesmo prazer de sempre.” (HEIL, 2013).

## 2.1 A COR NA OBRA DE ELI HEIL

“A cor é tudo, é a expressão de todo meu sentimento. Cada cor representa o meu sentimento daquele momento.” (BORGES, 2009). Essa frase da própria artista resume toda a sua obra. A cor é um dos elementos mais estimulantes da pintura e também pode ser considerada um dos principais elementos da obra de Eli Heil. De acordo com Andrade Filho (2012, p. 76), “[...] o padrão pictórico de Eli comporta-se como se não houvesse espaço aéreo e todas as coisas do mundo, ao serem representadas, possuíssem identidade matérica concreta, inseparável dos fundos.”

O autor ainda discorre sobre a cor na obra de Eli, ressaltando que:

O que ressalta ao olhar do espectador, logo ao primeiro relance, é a violência e a pulsação da cor, que vibra em rutilâncias de extremos valores, jamais coincidentes com a cor natural dos objetos. [...] Na pintura de Eli, a impressão cromática que investe contra nossos olhos é a da alta voltagem, contundente como a queda ou exaltante como o voo. [...] Eli fala com emoção sobre as cores, cuja funcionalidade é, de sua parte, constante preocupação. Semióloga intuitiva, Eli sabe que o azul deve exaltar-se e tornar-se imperativo para atingir certos efeitos. É assim que ela o emprega, fortíssimo e contrastando com o vermelho. As cores seguem um itinerário sensível de inventividade. (ANDRADE FILHO, 2012, p. 77).

As cores têm profundo impacto sobre o observador; o artista pode usá-las de modo naturalista e não precisa imitar as cores que vê no mundo físico, pode usá-las apenas por sua qualidade estética natural, para criar ou expressar ideias e conceitos, ou ainda, por seu valor simbólico. “Entender os princípios básicos da teoria das cores ajuda a analisar como o artista as explora e manipula em seu trabalho.” (GRAHAM-DIXON, 2011, p. 30).

Porém, vale ressaltar, conforme Pedrosa (1999, p. 143), que na pintura não há uma teoria acabada para o emprego da cor; apesar de seu grande desenvolvimento, ainda não se tem uma lógica para seu uso, pois o que se considerava os mais belos coloridos em um período, em outro podia ser negado em relação à lógica das cores aplicadas, e em cada um deles uma nova “lógica” de cores poderia ser usada.

De maneira geral, as cores são classificadas e nomeadas de acordo com suas características e formas de manifestação. Para Hallawell (1994, p. 58), quanto aos pigmentos cromáticos, eles são classificados em três categorias: primárias, secundárias e terciárias. Além dessas três categorias, ele destaca também as cores complementares.

As cores primárias são as cores indecomponíveis, que quando misturadas em proporções variáveis, produzem todas as outras cores do espectro. Os pigmentos das cores primárias não podem ser obtidos por meio da mistura de outros pigmentos, pois são puros. São elas: vermelha, amarela e azul. As cores secundárias surgem quando duas cores primárias são misturadas. São cores secundárias: laranja, roxa e verde. As cores terciárias são intermediárias entre uma cor secundária e qualquer uma das duas primárias que originam essa secundária (HALLAWEL, 1994, p. 59).

O autor também discorre sobre a harmonia das cores, destacando, para isso, a importância das cores terciárias para harmonizar o todo. Para ele, estas são cores neutras, não criando contrastes com outras cores ou entre si. Dessa maneira, elas não atraem tanta atenção quanto as cores primárias e secundárias, e por diversas vezes não são percebidas no ambiente. “As cores terciárias descansam o olho depois de um estímulo causado por um contraste, e isso é essencial para manter a harmonia da cor num quadro.” (HALLAWEL, 1994, p. 59).

Ainda segundo o autor, quando se fala que um quadro é muito colorido, ocorre que o que se está percebendo não são grandes quantidades de cores, mas, sim, contrastes de cores. Estes, quando bem controlados, dão vida e vibrações harmônicas a um quadro e somente ocorrem entre cores primárias e secundárias.

Esses contrastes podem ser percebidos nas obras da artista plástica Eli Heil, que são compostas, basicamente, por cores primárias e secundárias. Nos trabalhos da artista, algumas cores se destacam mais que outras, como, por exemplo, vermelha, amarela, laranja, verde e azul, misturando-se e tornando suas obras vivas, parecendo saltarem aos olhos de quem as vê.

O vermelho é considerado uma cor fundamental, ou primitiva, sendo a cor que mais se destaca visualmente e a que se distingue pelos olhos mais rapidamente. O vermelho, na simbologia das cores, é a cor do fogo e do sangue, e é a mais importante das cores para muitos povos, pois é a mais intimamente ligada ao princípio da vida, da vitalidade e da força (PEDROSA, 1999, p. 109).

Na visão de alguns críticos de arte, o vermelho nas obras de Eli simboliza “[...] o sangue do parir, da necessidade de nascer ou renascer alegre e vibrante; é [...] encher de cor e simbologias, mais sofrimento, mais nascer, mais renascer e alegria.” (HEIL, 2005, p. 52).

O amarelo é, também, considerado uma cor fundamental ou primitiva. É a cor da eternidade e da fé, representa o poder do pensamento e é estimulante da atividade mental. Na pintura, essa cor geralmente é usada com a finalidade de luz, quando se deseja representar as cores naturais numa técnica de tons, e quando aplicada sobre um fundo preto ganha força e expressão (PEDROSA, 1999, p. 110).

A cor laranja é uma cor quente por excelência, sintetizando as propriedades das cores que lhe dão origem, a vermelha e a amarela. Essa cor parece saltar em direção ao observador, possuindo grande poder de dispersão, e, desse modo, as áreas coloridas com laranja parecem sempre maiores do que realmente são (PEDROSA, 1999, p. 116).

O verde se encontra entre os matizes de amarelos e azuis, formando-se da mistura dessas duas cores, ocasionando o ponto de equilíbrio ideal entre o amarelo e o azul, e também equivalendo como complementar do vermelho. Na simbologia das cores, representa a esperança, a força, a longevidade e a imortalidade (PEDROSA, 1999, p. 111).

O azul, também muito presente nas obras de Eli, é a mais escura das cores primárias, por isso apresenta analogia com o preto e funciona como sombra na pintura de corpos opacos. O azul também é a mais profunda das cores, e faz trocar a lógica do pensamento consciente para a fantasia e para os sonhos que surgem do abismo mais profundo da alma, abrindo as portas do inconsciente (PEDROSA, 1999, p. 114).

## 2.2 O FAZER ARTÍSTICO

A oficina intitulada *O Pulsar da cor e o imaginário na arte de Eli Heil* ocorreu em cinco momentos específicos, sempre às quintas-feiras à noite, com uma turma que já frequentava as aulas de Artes Visuais na Casa da Cultura de Xaxim, SC. A turma é mista, composta por seis alunos, dos quais um estuda no Ensino Fundamental, três no Ensino Médio e dois já são graduados. Também participou da oficina o professor da turma, formado em Artes Visuais.

No primeiro dia de oficina foi apresentado o plano de ensino aos alunos e, posteriormente, realizou-se uma apresentação em *Power point* sobre a artista Eli Heil e sua obra plástica, percorrendo sobre a Arte Catarinense, principalmente sobre o imaginário e as cores presentes nas obras da artista.

Encerrando o primeiro dia de oficina, os alunos foram provocados a pensar em um ser imaginário que representasse algum aspecto de sua personalidade, ligado ao seu dia a dia ou aos seus sentimentos.

O segundo encontro da oficina destinou-se para o fazer artístico. O primeiro momento da aula foi destinado para o desenho do ser imaginário em uma tela, o que causou estranheza para alguns alunos, que ficavam presos ao desenho estereotipado, sentindo dificuldade em expressar realmente o que queriam. Assim que os alunos terminaram seus desenhos, iniciou-se a pintura dos seres.

Foram disponibilizados pincéis, palitos de picolé, palitos de churrasco, garfos e espátulas para a pintura, bem como tinta para artesanato e massa corrida aos alunos, os quais tiveram liberdade quanto à escolha do que usariam para pintar, e fora perceptível que cada aluno se identificou com um material diferente (Fotografia 2). Vale ressaltar que Eli Heil não pinta com pincéis e, por isso, foram oferecidos esses instrumentos alternativos aos alunos para que realizassem a atividade de pintura.

Fotografia 2 – Alunos realizando a atividade de pintura dos seres imaginários



Fonte: os autores.

Um aluno utilizou apenas palito de picolé, outros preferiram o pincel, outros, as espátulas, e ainda tiveram alunos que usaram todos os materiais para pintar. Para fazer as texturas nas obras, disponibilizou-se massa corrida, e a maioria dos alunos optou por misturá-la com a tinta e já fazer a textura no momento da pintura. Apenas um aluno decidiu por fazer primeiramente a textura com a massa pura e depois pintar.

No terceiro momento da oficina, os alunos continuaram o fazer artístico da pintura, e nessa aula percebeu-se que eles estavam mais soltos, mais ousados na maneira de pintar, alguns traços do desenho foram deixados de lado e outros foram surgindo, menos realistas, aproximando mais seus trabalhos com os trabalhos de Eli Heil. Isso também se percebeu no último dia da oficina, quando os próprios alunos perceberam disso, ressaltando que no decorrer da pintura foram percebendo que os desenhos estavam muito “certinhos” e sentiram vontade de mudar algumas partes.

Um dos alunos pensou em um ser que se nutre da sua própria criatividade, que absorve tudo o que ele está pensando. Dessa forma, seu ser imaginário é formado apenas pelo rosto, representado de forma orgânica, com uma boca grande, aberta, parecendo pegar tudo o que está à sua frente. As cores utilizadas pelo aluno foram cores fortes, sempre contrastando entre si, lembrando as cores utilizadas pela artista Eli Heil, e alguns detalhes apresentam texturas feitas com a mistura de massa corrida e tinta. Figura e fundo acabaram se fundindo pelas manchas de cores utilizadas, que também foram as responsáveis pela delimitação das formas, as quais, na sua maioria, apresentam formatos circulares. Sobre o momento de criar seu ser imaginário, o aluno diz: “Eu pensei primeiro nas letras, quando estou escrevendo alguma coisa e esse ‘monstrinho’ está dentro de mim, pegando tudo o que estou pensando para ele, absorvendo a minha criatividade.” (informação verbal) (Imagem 2).

Imagem 2 – Trabalho realizado por aluno



Fonte: os autores.

Imagem 2 – Trabalho realizado por aluno



Fonte: os autores.

Ao término desse dia todos os alunos estavam com seus trabalhos prontos, e cada um falou sobre ele, sobre o que pensou no momento de criar seu ser imaginário. Também falaram sobre a experiência da pintura, visto que a maioria dos alunos nunca tinha realizado atividades com tinta. Nessa conversa, todos relataram que a atividade foi prazerosa, que gostaram de conhecer a artista, bem como conhecer “um jeito diferente de fazer arte”, como relatou um aluno, sobre os seres imaginários que a artista cria.

No relato de um dos alunos, ele disse não foi fiel ao esboço do ser imaginário criado no primeiro dia da oficina. Ele foi recriando seu trabalho a partir da sua sensibilidade, de acordo com seu sentimento no momento da pintura, a exemplo do processo criativo apresentado pela artista Eli Heil. As cores utilizadas contrastam entre si, dando vibração ao trabalho, e em vários momentos ele fez texturas, também misturando massa corrida à tinta utilizada (Imagem 3).

Outro aluno disse que a oficina o fez lembrar de sua infância, e por todo tempo que realizava a atividade, algumas lembranças vinham à tona, e as quais eram sempre de momentos felizes que vivera. Nesse dia também se discutiu sobre a exposição dos trabalhos, e ficou decidido que seria na semana seguinte, na própria Casa da Cultura.

Para a exposição foram elaborados convites, os quais foram distribuídos entre os alunos que participaram da oficina, para que convidassem seus amigos e familiares, e os alunos dos demais cursos oferecidos pela Casa da Cultura.

Também foi elaborado um *release* para a imprensa local, informando sobre a oficina e convidando a população para a exposição. No dia da exposição, os trabalhos foram expostos no *hall* de entrada da Casa da Cultura, com o intuito de proporcionar maior visibilidade para quem fosse até o local. Estiveram presentes na exposição amigos e familiares

dos alunos e também os alunos que fazem cursos na Casa da Cultura, aos quais foi oferecido um coquetel. Os trabalhos ficaram expostos por uma semana, e após esse período agendou-se uma exposição itinerante nos espaços públicos da Cidade de Xaxim, como o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e o Banco Bradesco.

O momento seguinte foi dedicado para a reflexão crítica dos trabalhos realizados. Por meio do relato oral dos alunos, bem como pelo fazer artístico das pinturas, considera-se que os objetivos propostos inicialmente para a oficina foram alcançados.

Percebeu-se que houve compreensão por parte dos alunos acerca dos trabalhos da artista, a qual utiliza cores alegres e vibrantes na composição dos seus trabalhos, e os alunos também trouxeram esse elemento para seus trabalhos.

Não somente o elemento cor, mas também as texturas, ao serem representadas pela aplicação da massa corrida, e as formas orgânicas utilizadas pelos alunos em muito lembraram as obras da artista Eli Heil, criando seres fora de uma realidade lógica, mas que de alguma maneira estavam relacionados a cada um deles, com aspectos particulares de seu dia a dia.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão das cores na pintura está presente na arte há muito tempo, e elas têm impacto profundo no observador, porque podem ser utilizadas tanto por sua beleza estética quanto por seu valor simbólico, podendo ter esse valor modificado de acordo com cada região ou cultura.

Um interesse pessoal quanto à sua utilização nas obras de arte fez a ponte até a escolha da temática desta pesquisa, quando também fora selecionada uma artista do Estado de Santa Catarina para ser fonte de pesquisa, pois, de acordo com pesquisas realizadas anteriormente, pouco se conhece sobre a Arte Catarinense no Município de Xaxim. Dessa maneira, com este trabalho teve-se como objetivo central investigar qual o sentido visual e estético da cor nas obras da artista plástica catarinense Eli Heil.

Historicamente, a arte em Santa Catarina, durante muito tempo, esteve em descompasso com outros estados brasileiros, como São Paulo e Rio de Janeiro, mas hoje ela já é reconhecida no cenário artístico nacional e internacional. Mesmo tendo esse reconhecimento, os artistas catarinenses ainda são desconhecidos entre a população catarinense, e por esse motivo a pesquisa toda focou na artista Eli Heil, desvendando os mistérios da sua arte, e em como começou a arte no Estado.

De acordo com as pesquisas bibliográficas realizadas, o processo criativo de Eli Heil ocorre espontaneamente, obedecendo aos seus impulsos criativos, seus sentimentos, suas angústias no momento da criação. A artista não tem um estudo prévio do que vai compor, e a escolha das cores segue esse processo, ou seja, não há um estudo de como as cores serão usadas na composição.

Como a artista Eli Heil é autodidata, ela criou sua própria maneira de pintar, não focando em estilos artísticos ou em estudos sobre a teoria das cores. Assim, as cores não apresentam um sentido estético formal, mas representam o que a artista estava sentindo no momento de criação. Segundo ela, no Documentário *Coração de Eli* (2011), “ela vomita criações”, e estas já têm a sua cor própria, não são pensadas para agradar a um público, todavia, obedecem aos seus impulsos criativos. Acredita-se, desse modo, que a problemática inicial foi respondida por meio dessas considerações.

Outro ponto sobre o qual se discorreu ao longo da pesquisa foram os artistas que surgiram na mesma época de Eli Heil, e, mediante pesquisas bibliográficas, foi possível conhecer sua obra plástica.

O campo empírico desta pesquisa ocorreu por meio de oficinas, objetivando contemplar o imaginário e as cores presentes nas obras da artista Eli Heil. Para a realização desta, além do tema específico sobre a artista, abordou-se o imaginário nas obras, que é um tema muito presente nas suas criações, bem como um estudo acerca da teoria das cores, que serviu de base para a realização do fazer artístico dos alunos.

Os alunos que participaram da oficina frequentam uma instituição cultural da Cidade de Xaxim, SC, e nenhum deles tinha conhecimento sobre aspectos da Arte Catarinense ou sobre a artista em questão. Dessa forma, considera-se que os objetivos propostos inicialmente para a oficina foram alcançados; os alunos conheceram e compreenderam o contexto artístico de uma artista catarinense, Eli Heil, e também assimilaram que o elemento cor está presente de maneira significativa nas obras da artista, pois suas obras chamam atenção pela variedade de cores e formas utilizadas, as quais são explosivas, dando corpo a personagens aparentemente fora de uma realidade lógica.

A marca registrada de Eli está na intensidade do uso de cores vivas, não naturalistas, com tons e texturas que proporcionam perfeita harmonia entre as cores, em grossas camadas de tinta. E esse aspecto ficou claro nos trabalhos dos alunos, pois cada um deles criou o seu ser imaginário, utilizando cores fortes e vivas na composição dos trabalhos.

Pedrosa (1999, p. 143) sustenta, em seus escritos, que na pintura não há uma teoria pronta para o emprego da cor, ainda não se tem uma lógica para seu uso, apesar do grande desenvolvimento. O que se considerava belo em um período artístico, em outro, podia ser negado em relação à lógica das cores aplicadas, sendo que em cada novo período novas “lógicas” de cores podem surgir. Também, quando se fala em arte, deve-se ter consciência que ela se renova a cada dia, novos artistas surgem, com novos estilos e técnicas.

Ao término da pesquisa, considera-se importante que outros estudos sejam feitos a respeito desse tema, para que se conheçam as artes visuais do Estado, bem como os artistas de Santa Catarina. Considerando essa importância, pretende-se continuar as pesquisas relacionadas ao assunto, estudando outros artistas do âmbito catarinense.

### *The pulse of color in Eli Heil's art*

#### *Abstract*

*This research appeared in order to research the life and work of an artist from Santa Catarina and, especially, the colors used by her in her works. The interest in the subject arose from observations in several classes of arts in different classes of elementary and high school from a state school of the City of Xaxim, SC, with which it was found that the Art in Santa Catarina is not addressed in classroom. From this, we investigated what the visual and aesthetic sense of color in the works of artist Eli Heil is. To provide basis for the research, some thematic points were listed, as the history of art in Santa Catarina and artists of the same generation of Eli Heil, her life and work and the study of colors, based in Guimarães (2000), Pedrosa (1999) and Hallawel (1994). Finalizing the theoretical research, a workshop as held at Casa da Cultura of Xaxim, with the theme The pulse of color and the imaginary in Eli Heil's Art, bringing as objective to make a painting contemplating the imaginary and the colors in Eli Heil's works. At the end of this research, it was possible to have greater understanding of this artist's creative process, as well as understanding how the choice of colors used by her in her works happen.*

*Keywords: Artist from Santa Catarina. Eli Heil. Color.*

Notas explicativas

<sup>1</sup> Nesse caso, pode-se entender o símbolo como “[...] um elo entre a realidade psíquica e a realidade física, um signo concreto que evoca algo de ausente ou impossível de ser percebido diretamente, e, dessa maneira, é reconduzido ao domínio do significado.” (TEIXEIRA-COELHO, 1997, p. 342).

<sup>2</sup> O Fauvismo foi um movimento artístico que buscava uma maneira mais dinâmica de representar a natureza, experimentando cores vivas, não naturalistas, onde a tinta era aplicada com pinceladas curtas e vigorosas (GRAHAM-DIXON, p. 402, 2011).

<sup>3</sup> Jacob Klintowitz é crítico e editor de arte, autor de 141 livros sobre teoria de arte, arte brasileira, monografias de artistas, ficção e livros de artista; escreveu mais de 5.000 artigos.

<sup>4</sup> Informações repassadas à autora pelo filho de Eli, José Pedro Heil, via correio eletrônico, em 09 ago. 2013.

## REFERÊNCIAS

A ARTE Imaginária de Eli Heil - Série O Mundo da Arte. Direção de Maria Ester Rabello. São Paulo: Documenta Vídeo Brasil. 2000. Documentário. (23min).

ANDRADE FILHO, João Evangelista. Artes Visuais em Santa Catarina. In: MATTOS, Tarcísio (Ed.). **Construtores das artes visuais**. Florianópolis: Tempo Editorial, 2005.

ANDRADE FILHO, João Evangelista. Ciranda: A arte corrupiante de Eli Heil. Florianópolis, 2012.

BORGES, Eliane. O fantástico mundo de Eli Heil. **Balaio de siri**, Florianópolis, 13 fev. 2009. Disponível em: <<http://balaiodesiri.blogspot.com.br/search?q=eli+heil>>. Acesso em: 30 out. 2012.

CORAÇÃO de Eli. Direção de Kátia Klock. Documentário. Florianópolis: Contraponto, 2011. Média-metragem (48 min).

FUNDAÇÃO ASSIS. Disponível em <<http://www.fundacaohassis.org.br/>>. Acesso em: 30 out. 2012.

- GRANDES Nomes da Arte Catarinense. Direção de Daniel Ferraz. RBS TV / tvI Televisão e Cinema, 2005. Documentário. (42 min).
- GRAHAM-DIXON, Andrew. **Arte: o guia visual definitivo**. Tradução Eliana Rocha. São Paulo: Publifolha, 2011.
- GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2000.
- HALLAWELL, Philip. *À mão livre: a linguagem do desenho*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1994.
- HEIL, Eli. **Museu O mundo ovo de Eli Heil**. Disponível em: <[www.eliheil.org.br](http://www.eliheil.org.br)>. Acesso em: 12 maio 2015.
- HEIL, Eli. **Vomitando os Sentimentos**. Florianópolis: Fundação “O Mundo Ovo de Eli Heil”, 2005
- KLINTOWITZ, Jacob. **A cor na arte brasileira: 27 artistas representativos**. São Paulo: Volkswagen do Brasil, 1982.
- KLOCK, Kátia; SCHULTZ, Vanessa (Org.). *Óvulos de Eli: a expulsão dos seres de Eli Heil*. Florianópolis: Contraponto, 2011.
- LORENZ, Jandira. **A obra plástica de Eli Heil**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1985.
- MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA. **Manchas viventes – ponto X – n. 208**. Disponível em: <<http://www.masc.sc.gov.br/index.php?mod=acervo&ac=obra&id=434>>. Acesso em: 20 maio 2015.
- MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA. **Deus, o Anjo do Espaço**. Disponível em: <<http://www.eliheil.org.br/por/acervo/>>. Acesso em: 14 jun. 2015.
- MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA. **Os símbolos na arte de Eli Heil**. SESC, 2003.
- O MUNDO Ovo de Eli Heil. Direção de Maria Emília de Azevedo e Marco Aurélio Ramos. Documentário em super, 1990.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. 7. ed. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1999.
- PEDROSO, Néri. O longo caminho da arte. In: MATTOS, Tarcísio (Ed.). **Construtores das artes visuais**. Florianópolis: Tempo Editorial, 2005.
- SESC SANTA CATARINA. **O Fantástico no Desenho de Meyer Filho**. Museu Universitário/UFSC, 2006.
- SESC SANTA CATARINA. **O Universo Bruxólico de Franklin Cascaes**. Museu Universitário/UFSC, 2006.
- UMA VISITA ao Mundo Ovo de Eli Heil. Direção de Adriano Pauli. Expressão Imagem, 2007. Documentário. (25 min).
- TEIXEIRA-COELHO. **Dicionário crítico de política cultural: Cultura e Imaginário**. São Paulo: FAPESP Iluminuras, 1997.

